



A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA E A VOZ AUTORAL DE RITA LEE: EU POÉTICO EM TRADIÇÃO E RUPTURA

 Valéria Cristina Ribeiro PEREIRA*

RESUMO

Este artigo traz parte das reflexões e análises sobre a representação da mulher na Música Popular Brasileira, cantada pela voz autoral da cantora e compositora Rita Lee e pela criação de um “eu poético” singular, encontrado em cada composição, ou no conjunto das canções apresentadas. O trabalho de Rita Lee distingue-se das outras cantoras/ autoras, suas contemporâneas, por aquele possuir a peculiaridade de ter nascido com o tropicalismo revolucionário, em um contexto de ruptura, e a cantora haver se transformado na figura feminina mais expressiva do rock brasileiro. Pelo conjunto da obra, em que se faz o diálogo de suas letras com a cultura brasileira, dos anos 60 aos 90, Rita Lee recebeu o prêmio Shell, de 1997, que consagrava sua arte como a expressão feminina do rock. A leitura das letras de Rita Lee permite – numa abordagem de valorização do feminino assumido como independência, mas sem xenofobia de gênero – marcar um novo lugar para a “voz da mulher/compositora” na mídia das últimas décadas do século XX e início do XXI.

Palavras-chave: Música Popular Brasileira. Cultura. Feminino. Rita Lee.

1. INTRODUÇÃO

A mulher sempre foi tema de interesse na Música Popular Brasileira, sob várias formas, através de diferentes facetas cristalizadas no consenso cultural, dependendo do foco escolhido por aqueles que a utilizaram como elemento

* Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professora do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF).

temático da canção (MORAES, 1997). Conforme mencionado em outros artigos¹, a grande quantidade de letras de nosso cancioneiro popular cujo tema e título constitui-se a partir de um nome de mulher é atestada por extensa bibliografia. Interessa-nos verificar neste texto o discurso que construiu imagens da mulher na MPB, segundo as crenças, valores e atributos da cantora e compositora Rita Lee, produto e produtora do contexto cultural que experienciou.

Percorremos, ao longo de outras publicações desta revista, a história do feminino na cultura ocidental em largos passos, conforme nota anterior, para situá-lo, em seguida, no marco da MPB — primeiro na tradição e depois na contracultura. No contexto da ruptura, a leitura das letras de Rita Lee² permite — numa abordagem de valorização do feminino assumido como independência, mas sem xenofobia de gênero — marcar um novo lugar para a “voz da mulher/compositora” na mídia das últimas décadas do século XX.

Apesar de estarmos atentos ao fato de que o processo de criação de um artista não deva ser analisado à luz de sua biografia, como fator determinante para a criação, pois pessoa e autor são duas identidades diferentes, como reconhece a cantora — “parece que a Rita Lee é uma personagem que eu criei”— fica também claro que, no seu caso, estas duas identidades, às vezes, fundem-se e confundem-se, conforme poderemos constatar através de suas letras e de suas declarações — “sou intuitiva no meu trabalho”. Não se trata, porém, de promover uma análise simplista e ingênua deste ângulo da obra, alijando as questões referentes à construção e uso da persona pelo artista, mas, sim, uma leitura que se propõe a mostrar a presença do feminino dialogando com a cultura, refletindo aspectos desta mesma cultura e inovando pontos de vista a partir das relações entre ambos .

¹ Ver os artigos: PEREIRA, Valéria. Mulher, feminino e feminismo: o lugar e voz na cultura ocidental. **Verbo de Minas**. V. 15, N. 26. 2014. P. 31.
<http://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/issue/view/36/showToc>
PEREIRA, Valéria. A representação da mulher na Música Popular Brasileira: **eu poético** e voz autoral. **Verbo de Minas**. v. 14, n. 24. 2013. p. 102.
<http://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/issue/view/34/showToc>

² Este artigo apresenta parte da obra analisada e articula-se a outros publicados em números anteriores e/ou ainda vindouros desta revista.

Face a isto, não iremos separar o material biográfico do material artístico, pois entendemos que, neste caso específico, eles interagem num processo dinâmico, alimentando-se um do outro. As composições de Rita estão intimamente ligadas à sua vida, aos filhos, ao parceiro Roberto, e ao seu modo de pensar em relação à existência humana, à criação, à situação da mulher na sociedade. Suas canções são o espelho disto e nelas verificamos os contrapontos de Rita Lee face à representação tradicional da imagem da mulher na MPB dentro e fora das letras. Em alguns momentos especiais de sua obra, no entanto, o que vemos é o diálogo com a tradição. Sabemos, porém, que esta dissertação é apenas um exercício inicial do que pode vir a se concretizar num trabalho bem mais completo sobre a produção da cantora e compositora.

Por não dominarmos a linguagem da música, preferimos nos eximir de considerar aspectos mais estritamente ligados a este código, atendo-nos às letras e sua relação com a cultura.

2. FEMININO EM RITMO DE ROCK: RUPTURA COM A TRADIÇÃO

No final da década de 60, o Brasil passava por muitas transformações no contexto cultural e, na música, a Jovem Guarda e o Tropicalismo eram movimentos concomitantes. Entretanto, pensando em ruptura, a Tropicália apresentava mais ousadias, pois o verdadeiro rock brasileiro nasceria a partir das criações dos Mutantes com Gil e Caetano. Por esta época, Celly Campelo e a Ternurinha Wanderléia, como se verá, interpretavam canções alheias e Martinha, ligada à Jovem Guarda, compunha canções que confirmavam as posturas mais tradicionais, no bordão da letra de uma das suas mais divulgadas canções: “Eu te amo mesmo assim”. Rita Lee, junto com Os Mutantes, ligada ao Tropicalismo, numa atmosfera que fazia experimentações, ainda não tinha grande expressão pessoal — o espaço era bastante limitado. Porém, ao lado de Arnaldo e Sérgio, já compunha canções de cunho mais rebelde, compactuando com a intenção do Tropicalismo que era a de rever comportamentos e políticas. Rita começou a

ganhar mais visibilidade a partir do álbum “Buil up”, de 1970 e, depois de deixar Os Mutantes, em 1973, seu trabalho ganhou mais expressão.

O relato escrito mais antigo de que se tem notícia ainda nos tempos pós – modernos é a Bíblia, um texto que, em diversos aspectos, continua tão atual quanto na época em que foi estruturado. As pregações da narrativa bíblica no que dizem respeito a homens e mulheres revelam uma herança judaica, como outras culturas antigas, centradas na submissão e inferioridade destas em relação àqueles.

A partir daí, o mundo latino, ao absorver o cristianismo, incorpora, também, uma ideologia patriarcal em que a mulher é a responsável pela perda do paraíso. Esta submissão perpassa todo o texto bíblico de forma muito nítida e, principalmente no Velho Testamento, o discurso patriarcal é evidente. Para ilustrar tal questão Sinval Beltrão Jr. faz o seguinte recorte:

Disse Jeová a Moisés : Fala aos filhos de Israel: Se uma mulher tiver o seu parto , e der à luz um menino , será imunda sete dias ; como nos dias de sua enfermidade será imunda(...) Mas se der à luz uma menina , será imunda duas semanas , como na sua impureza , e permanecerá sessenta e seis dias no sangue da sua purificação (LEVÍTICO 12:15 *apud* BELTRÃO JR., 1993, p. 37).

Por isso, conclui o ensaísta:

Assim , se a própria natureza da mulher já é considerada suja (qualquer parto exigindo purificação) , dar à luz um ser do sexo feminino é fazer proliferar a própria imundície, necessitando de tempo maior para a limpeza – expiação (BELTRÃO JR.: 1993, p. 37).

A inferioridade feminina, pregada desde o início da escrita, desdobrou-se ao longo dos séculos e contaminou fortemente a cultura durante milhares de anos, resultando na opressão à qual foram submetidas as mulheres. Somente na modernidade iniciou-se mais enfaticamente a desconstrução destas idéias.

Neste sentido, podem ser bem compreendidos os excessos cometidos pelo primeiro momento do movimento feminista que, diante da radicalidade de tal situação, somente poderia assumir uma atitude totalmente avessa a qualquer

perspectiva de conciliação e diálogo. A escrita feminista, a princípio acusada de ser extremamente tendenciosa, dificilmente poderia ter percorrido outro caminho que não fosse o da radicalização, ou seja, para se contrapor a um discurso patriarcal de extrema opressão, só um outro discurso de libertação de mesma intensidade.

A tentativa de desconstrução de interpretações facciosas da História ligadas à mitologia cristã no ocidente, tem um espaço relevante na obra de Rita Lee, já que inserida no contexto da modernidade, a letrista está em busca da voz própria. Verificaremos pois que o incômodo diante do feminino, dito inferior e submisso, foi responsável pela criação de várias de suas canções.

Fruto Proibido (1975)

(Rita Lee)

Não é nada disso ,alguém fez confusão
Vou dar um tempo, preciso distração
Às vezes cansa minha beleza
Essa falta de emoção!
E de sensação!

Quem foi que disse que eu devo me cuidar

Tem certas coisas que a gente
Não consegue controlar
Comer um fruto proibido
Você não acha irresistível?
Nesse fruto está escondido o paraíso,
O paraíso!
Eu sei que o fruto é proibido
Mas eu caio em tentação
Acho que não!

Em **Fruto Proibido** não há definição clara de gênero do “eu poético”, mas, no imaginário da sociedade, esta letra logo nos remete ao mito da perda do paraíso, provocada por Eva. Desta forma, na canção há a citação do “pecado” cometido, porém, verificamos que, também, uma tentativa de desconstruir as crenças ligadas a este mito,desamarrando-se da culpa: afinal, “não é nada disso, alguém fez confusão”.

Ao longo da canção o discurso vai se fundando na argumentação sobre o ganho em participar de uma atmosfera de prazer, explicitada pelos vocábulos

distração, emoção e sensação, além de tentar convencer que nem tudo pode estar sob controle. Tal atmosfera prazerosa tem sua continuidade reforçada no convite a comer o fruto proibido, corroborada pela indagação: “Você não acha irresistível?” O ponto culminante deste prazer aparece na afirmação de que é dentro do fruto que se esconde o paraíso.

O fim da canção nos faz uma admissão do proibido e uma remissão ao que foi anteriormente dito, o que demonstra ainda um certo conflito acerca das questões apresentadas: “Eu sei que o fruto é proibido / Mas eu caio em tentação”. Tal situação nos aproxima da estética barroca que mais expressou o conflito do Homem em relação à vivência entre os prazeres carnis e a conquista do céu, entre o pecado e a salvação. Entretanto, o estilo Barroco apresenta tal conflito de forma mais genérica: o Homem de forma geral carrega a culpa por haver pecado, por haver perdido o paraíso. A herança da cultura machista, na tentativa de reduzir a culpa do sexo masculino, jogou-a para o sexo feminino, que de certa forma a assimilou.

Embora haja uma admissão de que o fruto proibido conduz a “cair em tentação”, a idéia geral veiculada é a de que esta Eva moderna deseja emoção e continua tentando provar as delícias do paraíso, mesmo que depois haja dúvidas e possa haver algum arrependimento: “Acho que não!”

Tal generalização presente na letra pode estar relacionada ao mito da perda do paraíso.

Enquanto o texto da fonte sacerdotal de Gênesis 1 reza: “homem e mulher os criou”(Gn 1,27), o texto da mais antiga fonte javista de Gênesis 2-3 contém o relato de Adão e Eva, segundo o qual, a mulher é criada em segundo lugar(Gn 2,18), formada por uma costela de Adão(Gn 2,22) e é a primeira a pecar levando o próprio Adão ao pecado(Gn3,12-13).Enquanto o relato de Gênesis 1 afirma com sobriedade teológica a criaturalidade do homem e da mulher e a sua semelhança com Deus, do relato do Gênesis 2-3 é fácil deduzir a inferioridade ôntica e ética da mulher: Eva criada em segundo lugar foi a primeira a pecar. Com referência ao texto de Gênesis 2, Theodor Reik escreveu em *Psicanálise da Bíblia*: ‘O relato bíblico do nascimento de Eva é a brincadeira mais pesada que os milênios dirigiram à mulher’ (LUNEN – CHENU e GIBELINI, 1992, p.90-91).

Em seguida, a canção **Luz del Fuego**, composta de seis estrofes, cada uma com quatro versos traz a mulher mais destemida. Esta mulher ousada é

construída a partir de um resgate bastante sugestivo já no título, através da referência a Luz Del Fuego, a vedete que, utilizando-se da ousadia, escandalizou a sociedade, posando nua para fotografias, com uma serpente enrolada pelo corpo. Esta referência é retomada na segunda estrofe da canção: “Não tinha medo e foi pro o céu” é aqui utilizado como um eufemismo para indicar a morte, pode significar que, apesar de ser ousada, destemida e não ter medo, também teve um lugar reservado no “céu”; desta forma, estes versos desconstróem a noção de pecado e castigo.

De início, o “eu poético” apresenta - se multifacetado, na grande mulher, desde a representação da loucura até tudo o mais que “você quiser”. Em seguida, volta fazer um convite para “comer a fruta” , afastando a idéia de pecado . Coloca-se como a cigarra de La Fontaine que, “enrolada no papel” anuncia para “quem tem ouvidos” a pergunta sobre a vida e a morte, entre a tradição (o folclore) e a modernidade (o metrô) .

Rita Lee foi vista pela imprensa como suicida, mas, segundo ela, não se tratava de pregar a morte e sim de tentar reconhecê-la sem o temor do fim absoluto (PROGRAMA AQUELA MULHER: 1997). Embora “Mutante” registre em verso o risco da quase autodestruição pelo uso das drogas (PROGRAMA CARA A CARA: 1991) (“ Não me suicidei por um triz”) não foi este o pensamento que norteou toda a vida da artista.

Luz Del Fuego (1975)

(Rita Lee)

Eu hoje represento a loucura
Mais o que você quiser
Tudo que você vê sair da boca
De uma grande mulher, porém louca

Eu hoje represento o segredo
Enrolado no papel

Como Luz Del Fuego não tinha medo
Ela também foi pro céu , cedo!

Eu hoje represento uma fruta
Pode ser até maçã
Não , não é pecado só um convite
Venha me ver amanhã , mesmo !

Eu hoje represento o folclore
 Enrustido no metrô
 Da grande cidade que está com pressa
 De saber onde eu vou , sem essa!

Eu hoje represento a cigarra
 Que ainda vai cantar
 Nesse formigueiro quem tem ouvidos
 Vai poder escutar , meu grito!

Eu hoje represento a pergunta
 Na barriga da mamãe
 E quem morre hoje , nasce um dia
 Pra viver amanhã e sempre !

Intensificando as várias facetas abertas em **Luz del Fuego**, aparece em **Tataratlantes** a tribo fictícia de seres míticos. Antiga como os de Atlantes, a personagem, em princípio, é dinossaura, pré – histórica, mas depois é pós – terráquea, futurista. É herbívora, carnívora, “menina de rua”, humana e miserável, é divina “sou Apolo, sou Dionísio, Vênus e Marte”. Enfim, é Mamute mutante, Tataratlantes. A junção do passado e futuro, a busca da totalidade que aproxima os extremos e a coloca “à beira do abismo” repete a necessidade de “mera mortal, apenas humana”, de renascer do amor: “por falta dele até morro, às vezes vegeto” . Enquanto espera o sinal, “faço de conta, faço arte”, ensaia o tempo novo: “it’s never or now”, inverte, subverte.

Tataratlantes(1994)

(Rita Lee)

Sou uma dinossaura
 Com aura de iguana

Divina batráquia
 Pós terráquea mundana
 Às vezes renasço do amor
 Por falta dele até morro
 Mas sobrevivo socorro

Às vezes vegeto
 Às vezes sou canibal
 Nem deusa nem animal
 Apenas humana animal insana
 Mera mortal

Cara de pau pálida

Magra esquelada
Da tribo dos seres falantes
Tataratlantes
Mamutes mutantes
Tatatatatataratlantes
Mamutes mutantes

Filha da terra
Neta da lua
Herdeira do sol
Menina de rua
Eis me aqui vivo
Aguardando o sinal
Baby me de um motivo
It's never and now
Faço de conta , faço arte

Sou Appolo, sou Dioniso
Vênus e marte dançando
Na beira do abismo

Mamutes mutantes
Tatatatatataratlantes

Compactuando com esta atmosfera vinculada a mudanças de pensamento em relação à mulher, há **Elvira Pagã** Novamente a referência ao pecado cometido por Eva, desta vez de maneira mais explícita, busca respaldo na figura de outra vedete da década de 50, reconhecida como símbolo sexual da época. É interessante ver a generalização “todos os homens pensam que mulher é tal e qual um capeta”, pois os versos seguintes trabalham a forma simplista da visão dos homens em relação às mulheres, ou seja, parecem querer mostrar-nos a superficialidade com que a diferença entre os sexos é tratada pelo universo masculino.

As ideias dicotômicas veiculadas pelo imaginário não resultam em efeito distinto: Se a moça for bonita, só calada ; se for feia, somente de cara tapada pois o que interessa é o sexo; se a mulher for dona-de-casa, como em **Amélia** e **Emília**, há uma pseudo-valorização pelo trabalho doméstico, pois, na verdade, seu valor está restrito ao fato de serem domesticadas.

Rita abre o libelo contra a hipocrisia, as mulheres de hoje não são como as de ontem: “santa só a minha mãe”, além de que cinderelas e noivas neuróticas desejam “diferentemente” os seus parceiros : Elvira — Pagã —, como o nome

artístico indica, não está mais sozinha e já não é singular, as “pagãs são numerosas”.

Elvira Pagã (1979)

(Rita Lee)

Todos os homens desse nosso planeta
Pensam que mulher é tal e qual um capeta
Conta a história que Eva inventou a maçã
Moça bonita , só de boca fechada
Menina feia , um travesseiro na cara
Dona de casa só é bom no café da manhã
Então eu digo
Santa , santa só a minha mãe(e olhe lá)
É canja , canja
O resto põe na sopa pra temperar
Péo , péo ,péo , pra temperar
Dama da noite
Não dá pra confiar
Cinderela quer um sapatão pra calçar
Noiva neurótica sonha
Com o noivo galã um lixo
Amiga do peito fala mal pelas costas
Namorada sempre dá a mesma resposta
Foi-se o tempo em que nua era Elvira Pagã

Em **Cor-de-Rosa-Choque**, de 1981, reaparece a figura de Eva, que ao longo da História foi desdobrada em várias outras imagens, como por exemplo, a da feiticeira medieval, a quem se atribuíram desejos contrários à fé. Essa figura ambígua foi reverenciada e perseguida na idade média , pois, enquanto o povo a procurava para seus cuidados médicos a ordem social somente buscava condená-la, afinal, suas práticas estavam fora do espaço sagrado, ligadas, portanto, a Satã . Os sabás, cultos ao Deus-natureza, representavam uma afronta a Deus, eram o lugar do adversário intrépido, ousado, que disputava com Deus o comando do mundo.

O único médico do povo ,durante mil anos, foi a feiticeira.Os imperadores, os reis, os papas, os mais ricos barões tinham alguns médicos de Salerno , mouros , judeus, mas a massa de todo o Estado, e, pode-se dizer de todo o mundo, consultava apenas a saga ou a mulher sábia /.../Isso valia uma recompensa. Elas a tiveram. Foram pagas em torturas, em fogueiras. Encontraram-se para elas suplícios sob medida, inventaram-lhe dores. Julgavam-nas em massa , condenavam-nas por uma palavra (MCHELET, 1992, p. 30-3).

O culto ao Deus–natureza fez nascer a medicina, mas quando a mulher sábia provou outra vez do fruto da árvore do conhecimento, ligou-se a Satã, no mundo racional e profano, portanto, a fera deveria ser exterminada. O mundo sagrado pregava a passividade e o sofrimento terreno, pois, embora Jesus Cristo tivesse feito muitas curas e ressuscitado muitos mortos, foi feito mártir após sua crucificação e a morte passou a ser considerada o caminho para se alcançar a glória. No medievo, para a Igreja a vida não passava de uma provação, que deveria ser encarada com resignação, sem atitudes transgressoras.

A Igreja que vê na vida apenas uma provação, evita prolongá-la. Sua medicina é a resignação, a espera e a esperança da morte. Vasto campo para Satã! Ei-lo médico, o que cura os vivos. Muito mais, consolador. Tem a complacência de nos mostrar nossos mortos, de evocar as sombras amadas. Outro pequeno detalhe rejeitado pela Igreja: a lógica, a razão livre. É o grande petisco de que o outro avidamente se apossa (MCHELET, 1992, p. 30/31).

Desta forma, tudo o que destoava das pregações da Igreja estava, sem dúvida, contra ela. Raciocínio dicotômico simplista, mas que norteou toda a História do mundo, tudo na História sempre fora, até a modernidade, fatalidade ou liberdade, cristianismo ou revolução, combate de um e outro.

Usando uma série de clichês culturais, com outro sentido, a começar pela citação de **A Bela e a Fera**, Rita Lee desmonta a antiga e remonta a nova mulher, cor de rosa, sim: mas choque. Culturalmente, para os meninos a cor sempre foi o azul e para as meninas o rosa. Sabe-se que, para obter a cor rosa, é necessário colocar branco sobre o vermelho e, a mistura deve conter uma quantidade bem maior de branco do que de vermelho; assim, o vermelho quente, sensual e perigoso é transformado numa cor mais suave, purificada. A compositora joga com este pensamento e traz para a canção esse elemento que é bastante forte na cultura, mas volta à palheta e coloca um pouco mais de vermelho: daí a citação de Simone de Beauvoir “um certo sorriso”, que como os filhos fortes do hino nacional “não foge à luta” e parodiando a resposta de Cristo ao demônio — “nem só de cama vive a mulher”— lembra seu sangramento positivo, de mais vida potencial, como diferença — “um sexto sentido maior que a razão”.

Ainda esta composição rompe com velhos preconceitos e tematiza, pela primeira vez na MPB, a menstruação, quebrando o tabu que, durante anos, via no ciclo menstrual algo sujo que deveria ser escondido pelas mulheres.

Cor –de –rosa- choque) (1982)

(Rita Lee/ Roberto de Carvalho)

As duas faces de Eva
 A bela e a fera
 Um certo sorriso de quem nada quer
 O sexo frágil não foge à luta
 E nem só de cama vive a mulher

Por isso, não provoque
 É cor- de-rosa-choque (bis)

Mulher é bicho esquisito
 Todo mês sangra
 Um sexto sentido maior que a razão
 Gata borralheira, você é princesa
 Dondoca é uma espécie em extinção

Por isso não provoque
 É cor-de-rosa-choque..

Rita prossegue: **Benzadeusa** privilegia o feminino através da evocação que mistura o sagrado e o profano ao longo da composição. Ao vocabulário escolhido: “bandida, má e fudida”, contrapõe-se a oração da “Ave Maria”. Sereias, odaliscas, salamandras se confrontam com arcanjas e deusas.

Benzadeusa(1994)

(Rita Lee)

Mordo tua nuca
 Mas um beijo anestesia a dor
 Te mato de carinho
 Em legítima defesa do meu amor
 Não sei dizer não
 Pra quem gosta de mim

Então eu digo sim

Yes, yes, Qui Qui ,hai ,yawohl,si si
 E a gente se casa por um segundo, por um século talvez
 Até que a vida, a morte , o mundo nos separe .Outra vez?
 Faz amor comigo, sempre fica meu amigo
 Amanhã viro bandida , má , fudida , te dou um tiro no escuro, cê vai ver
 Hoje sou tua heroína
 Mergulha na menina dos olhos meus

Sabe lá Deus por onde andam as sereias
Sabe lá Deus por onde queimam salamandras
Sabe lá Deus por onde dançam odaliscas
Sabe lá Deus por onde voam arcanjas
Sabe lá Deus por onde andam suas Deusas

Ave Maria cheia de graça
O Senhor é convosco
Bendita sois vós entre as mulheres
Bendito é o fruto do vosso ventre Jesus
Santa Maria , mãe de Deus
Rogai por nós os pecadores
Agora e na hora de nossa morte
Amém

Benzadeuza de Deus

Habemus Papisa

Aparece, ainda, a figura da Papisa, presença sacerdotal feminina pouco aceita em religiões do ocidente moderno, outro dado importante para constatarmos que tudo aqui é voltado para uma valorização do feminino.

Segundo arcano maior do Tarô* , a papisa(...) esconde sob um manto azul* com colarinhos e fechos amarelos* , seu longo vestido vermelho* , sobre o qual se cruzam dois cordões amarelos; símbolo da força do espírito que não quer se manifestar no exterior(...) O que ela simboliza aqui é a mulher , sacerdotisa ou mesmo deusa, que detém , sem o querer mostrar, todos os segredos do mundo. Ela não é ainda a manifestação, a deusa-mãe. Por trás da cortina das aparências, ela cobre a força(vermelho) com um manto azul... (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1997, p.683)

A expressão — Papisa — que designa a eleição do chefe máximo da fé, transposta ao feminino, traz à baila a idéia tão difundida deste fim de século, de que, no próximo milênio, , desponta com toda força, a face feminina de Deus . Aqui Rita Lee se antecipa **autorizando** um lugar de destaque para a mulher na relação pessoal com o homem.

Eis aí novamente uma questão necessária. Numa tese sobre as condições da santidade canonizada , Pierre Delooz mostra que , no começo deste século , havia apenas 20% de mulheres canonizadas entre os santos . G Le Bras , prefaciando esses trabalhos , esclarece que “a sociedade celeste tende a imitar a sociedade terrestre , cujo lugar de destaque é ocupado pelos homens (LUNEN- CHENU e ROSINO, 1992, p. 29/30).

A compositora abre espaço para destacar a face feminina do poder que ficou impossibilitada de se manifestar e agora se encarna em sua ambiguidade.

3. MATERNIDADE E OUTRAS FACETAS FEMININAS: A RUPTURA EM DIÁLOGO COM A TRADIÇÃO

No álbum Rita Lee, de 1994, em cujas faixas predominavam os temas do feminino, encontramos como faixa de abertura, a música **Filho Meu**. Esta canção trata da relação intergeracional, referindo-se a um sonho que no passado tivera gosto doce e no presente não passa de hortelã sabor ardente e forte, no país caótico em que a tecnologia, a natureza, a pátria amada, não evitam a dor e a alienação. Não só os trocadilhos, mas as polarizações atestam o presente vacilante que se lega aos filhos.

Esta letra tem a voz do hoje dialogando com o amanhã. Nesta perspectiva a canção é composta em cima de uma estrutura dual, na qual elementos de contraposição se justapõem: “hoje / amanhã ; sonho/ kaos ; tutti frutti/ hortelã ; computador / sem puta dor; morrer viver; favor /contra ; etc...

Esta forte presença de citações na obra de Rita se amplia. Há também uma alusão ao poema **Versos Íntimos**, de Augusto dos Anjos. Nele, o poeta simbolista constata a dualidade existente nas atitudes alheias e coloca, de forma bastante pessimista, sua decepcionada visão diante do próprio homem. “ Toma um fósforo / Acende teu cigarro! /O beijo, amigo, é a véspera do escarro, / A mão que afaga é a mesma que apedreja...”

Além disso, existe na segunda e terceira estrofes uma angústia existencial, comum aos seres humanos em alguns momentos, que faz vir à tona o desejo de retorno ao colo materno, expresso ironicamente no tom carnavalesco do: “mamãe, eu quero mamar”. A pátria – mãe gentil, colhida no fragmento do hino, se depara com tal desejo que, sem ser blasfemo, cobra mudanças: o medo paralisa a nova geração, que pede mais que os quinze minutos de fama, profetizados por Andy Wahrol.

Filho Meu(1994)

(Rita Lee)

Meu filho me disse, mãe,
Hoje já é amanhã
Aquele sonho tutti-frutti, mãe
Virou um kaos de hortelã

Computador e sem puta dor
O vírus vai atacar
Bate uma larica existencial,
Mamãe eu quero mamar!

Vivo com medo de morrer,
Morro de medo de viver
O Brasil é tão louco
Outro dia mesmo a gente quase que

Quase explodiu

O sol saiu,
O vento é a favor

Mas meu barquinho é do contra
A mão que afaga é da mãe que afoga
Help! Oh, mãe gentil
Help! Quem me pariu
Help! Quero minha alma de volta!

O vírus do Ipiranga
Versos HIV
Rola tango no país do tio samba
Mamãe, desliga a TV
Será que não vai mudar
Os quintos desse inferno
Juro que nasci para ser um ser qualquer
Quinze minutos de eterno!

A seguir, em **Menopower**, também de 1994, o universo feminino, desde o título, é outra vez apresentado, através da linguagem bem humorada da compositora. Numa reafirmação à quebra do tabu presente na letra da música “Cor- de- rosa- choque”, volta ao ciclo menstrual que foi abordado lá sem preconceito. Nesta letra, Rita vai mais longe e se utiliza do termo popular “chico” para designar o sangramento menstrual da mulher, isto no ritmo do rock. O campo semântico é construído a partir de expressões e situações comuns ao universo estritamente feminino: absorvente, regras, cólicas, pílulas, diafragma e caldo de galinha.

O título da canção brinca com o poder conquistado pela mulher madura : a menopausa não é mais sinônimo de perda e sim de ganho, da conquista de uma liberdade que só vem após o amadurecimento, após “1000 anos de enciclopédia”. Em **Menopower**, a compositora reitera a valorização da mulher amadurecida, resgatando outra vez em trocadilho a figura da feiticeira : “haja fogacho pra queimar essa bruxa em idade média”. Para ela, as mulheres ainda não descobriram “o grande barato e a onda do calor da menopausa (PROGRAMA AQUELA MULHER, 1997).

Aliás, a prática trocadilhesca, do jogo de palavras sagaz, é um dos recursos favoritos de Rita, além das citações parodísticas que faz a todo momento .Assim, “vestida para matar”, ela “foge às regras”, “melancólicas”, e dá um basta à “sustância da galinha”, saudando a “mãe que não pariu”.

Menopower (1994)

(Rita Lee)

Vestida para matar, em pleno climatério
 A velha senhora só vai ficar mocinha no cemitério
 Chega de derramamento de sangue
 Cinquentonadolescente
 Quem disse que útero é mangue
 Progesterona urgente

Menopower prá quem foge às regras
 Menomale quando roça esfrega (Refrão)
 Menopower prá quem nunca se entrega
 Melancólicas , vocês são piegas

Haja fogacho pra queimar essa bruxa em idade média
 Em mulher não se pode confiar com menos
 De 1000 anos de enciclopédia
 O chico é tão incoerente me deixa tiririca ao chegar
 O chico quando vem é absorvente e quando falta
 Só rezando pra baixar

Tampax, tabelinha , ora pílulas , ora DIU
 Diafragma , camisinha , vão prá mãe que não pariu
 Chega de creme de aveia da véia perereca da vizinha
 Chega de bom caldo e “sustância” da galinha

Como é bem próprio do estilo de Rita, a letra brinca com elementos do mundo feminino, desconstruindo as antigas imagens que eram cobertas por um

invólucro de idéias obscuras, desconhecidas pelo mundo dos homens, “coisas de mulher”, pejorativamente denominadas.

O assunto referente ao culto excessivo do corpo jovem, explorado na canção anterior, já se fazia presente em **Fonte da Juventude**, de 1977. A compositora faz uma crítica, de forma bem humorada, às incoerências de mulheres que dizem valorizar o homem sábio mas que, na verdade, priorizam a beleza física masculina. Pagam, por causa disso, o preço do exagero ao tentar buscar a eterna juventude, através de cirurgias, excessos de cosméticos e tratamentos e a autora na segunda e terceira estrofes debocha desta luta inglória, mesmo para mulheres que um dia foram fatais.

Na última estrofe, a canção explicita a contradição entre “ter” o corpo que pediu a Deus (sic) e não poder “gostar do que era seu”. Sendo assim, *o sonho adolescente de uma juventude e perfeição duradouras é apenas isto : um sonho* (BETTELHEIM, 1997, p. 90).

Fonte da Juventude (1977)

Rita Lee

Quanto mais a mulher jura
Gostar de homem erudito
Tanto mais ela procura
Um tipo burro e bonito

Pois as pernas que um dia abalaram Paris
Hoje são dois abacaxis
Se os olhos da Elizabeth ardem , meu bem,
O que a Helena Rubinsteim com isso?

Ela passou creme ruguina
Ela usou anti-sardol
Ela fez plástica pra ter cara de menina
Mas ela não esfriou o sol

Morreu , morreu , com a cara que nasceu
Não deu , não deu , pra gostar do que era seu

Eu tenho o corpo que pedi a Deus
Eu tenho o corpo que pedi a Deus.

Em 1978, Rita Lee havia inserido outra vez a temática da busca pela juventude em mais uma de suas canções, insistindo na crítica ao falso feminino:

“Agora é moda, bionicar o corpo inteiro /.../ Agora é moda , coroa e cara de menina...” A questão da independência estaria passando por outro tipo de escravidão e ela denuncia o jogo do mercado e da mídia.

Todas as Mulheres do Mundo do título ao último verso, tomado de empréstimo ao filme de Ruy Guerra, faz um passeio pelos tipos femininos desnudados pelo olhar crítico da compositora. Em uma série paralelística, às vezes fonética, às vezes semântica, de composições antitéticas, Rita Lee coleciona nomes e imagens, vira-os pelo avesso avesso para saudá-los com um refrão que, mantendo certa ambiguidade _ coitada _ diz o que toda mulher espera: ser feliz. O modelo libertário dos anos 70, Leila Diniz, também não previa outra coisa . O gosto pelo trocadilho faz um fecho de ouro, à *la* modernidade .

Todas as Mulheres do Mundo (1994)

(Rita Lee)

Mães assassinas , filhas de Maria
Polícias femininas , nazjudias
Gatas gatunas, kengas no cio
Esposas drogadas , tadinhas , mal pagas

Toda mulher quer ser amada
Toda mulher quer ser feliz (Refrão)
Toda mulher se faz de coitada
Toda mulher é meio Leila Diniz

Garotas de Ipanema , minas de Minas
Loiras , morenas , messalinas
Santas sinistras , ministras malvadas
Imeldas , Evitas , Beneditas estupradas

Paquitas de pacote , Xuxas em crise
Macacas de auditório , velhas atrizes
Patroas babacas , empregadas mandonas
Madonnas na cama , Dianas corneadas

Socialites plebéias , rainhas decadentes
Manecas alcéias , enfermeiras doentes
Madrastas malditas , superhomem sapatas
Irmãs La Dulce beaidetificadas .

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de Rita Lee distingue-se das outras cantoras/ autoras, suas contemporâneas, por aquele possuir a peculiaridade de ter nascido com o tropicalismo revolucionário e Rita haver se transformado na figura feminina mais expressiva do rock brasileiro. Pelo conjunto da obra, em que se faz o diálogo de suas letras com a cultura brasileira, dos anos 60 aos 90, Rita Lee recebeu o prêmio Shell, de 1997, que consagrava sua arte como a expressão feminina do rock.

Poderíamos perguntar se a presença roqueira de Rita, que sacudia o Brasil dos anos 70, fez escola ou influenciou as vozes que surgiram a partir disso? Certamente esta mulher que compõe hoje não é a que se submetia a representações duvidosas, sem reação pública. O mérito de Rita Lee está em ter exposto as vísceras, os desejos os anseios, as necessidades, as carências em voz própria e sem inibições. Sua vida, ao contrário do que se poderia supor, revela surpreendente estabilidade amorosa com o parceiro/companheiro Roberto, que entre separações e reconciliações tiveram três filhos e nunca chegaram às páginas policiais por conta de “tapas e beijos” . A rebeldia dos jovens anos trouxe a viagem pelas drogas e a maturidade devolveu-a a um porto seguro. Rita Lee coloca-se entre a ruptura e a tradição.

Rita, de todo modo, com o seu ar exótico, atitudes exóticas e ousadia como letrista, em seu “Miss Brasil 2000” descarta a inocência de “pequena princesa” e apresenta-se como dona de seu corpo, seu pensamento, sem abdicar de sua condição feminina de mulher, amante, mãe: é a mulher quem deve responder à pergunta da canção.

Rita, além de tudo, pôs o dedo nas cordas da guitarra e fez vibrar questões que, para as mulheres, não repercutiam no devido diapasão.

**WOMEN 'S REPRESENTATION IN POPULAR MUSIC BRAZILIAN
AND AUTHOR VOICE OF RITA LEE:
"POETIC SELF" IN TRADITION AND RUPTURE**

ABSTRACT

This article brings reflections and analysis on the representation of women in Brazilian popular music, sung by the authorial voice of the singer-songwriter Rita Lee and the creation of a "poetic self" singular, found in each composition, or all the songs presented. The work of Rita Lee is distinguished from the other singers / authors, his contemporary, for that has the peculiarity of being born with the revolutionary Tropicalism, in a context of rupture, and the singer have become the most significant female figure of rock Brazilian. For all the work, in which it makes the dialogue of his letters to the Brazilian culture, 60 to 90, Rita Lee received the Shell Award, 1997 consecrated his art as the rock female expression. The reading of Rita Lee letters – allows an approach to valuation of women assumed to independence, but without gender xenophobia – mark a new place for the "woman's voice / songwriter" in the media of the last decades of the twentieth century.

Keywords: Brazilian Popular Music. Culture. Female. Rita Lee.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO JÚNIOR, Sinval. **A Musa**: Mulher na Canção Brasileira. Prefácio de Antônio Cândido. São Paulo: Estação Liberdade, 1993.

BETTELHEIM, Bruno. **Na Terra das Fadas- Análise dos Personagens Femininos** (Extraído da obra A Psicanálise dos Contos de Fadas) / Bruno Bettlheim. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANDT, Alain. **Dicionário de Símbolos**: mitos, sonhos, costumes , gestos, formas, figuras, cores , números. Tradução de Vera da Costa e Silva [et al.]. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

LUNEN-CHENU, Marie – Therese Van; GIBELINI, Rosino. **Mulher e Teologia**. Trad. Maria Stela Gonçalves e Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, 1992.

MORAES Jorge Luiz Marques. **A Fina Flor da Música Popular Brasileira – Estudo da Autoria Feminina no Cancioneiro Popular**. Dissertação de Mestrado. UFRJ, 1997.

MICHELET, Jules. **A Feiticeira**. 500 anos de Transformações na Figura da Mulher. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

Entrevistas de Rita Lee

Programa Cara a Cara – 21/04/91

Programa Aquela Mulher – 04/11/97